

A pesca da tainha no litoral catarinense

Janaina Patrícia Bannwart¹

Introdução

A tainha é um peixe marinho estuarino da família dos mugilídeos. Em Santa Catarina, é conhecida por aparecer abundantemente na costa durante o inverno. A safra da tainha inicia em maio e perdura até o fim de julho. A época ou temporada de pesca está regulamentada na Instrução Normativa do Ibama Nº 171 (2008). É considerado o recurso pesqueiro tradicional mais esperado pelos pescadores artesanais de Santa Catarina e o de maior importância na Lagoa dos Patos, RS, em conjunto com a captura do camarão-rosa *Farfantepenaeus paulensis* (Reis & D'Incao, 2000).

A tainha foi identificada por Menezes (1983) como *Mugil platanus*. Porém, em 2010, estudo genéticos apontaram que *Mugil platanus* e *Mugil liza* são uma única espécie, sendo *M. liza* o nome que deve ser a ela atribuído a partir de então (Menezes et al., 2010).

Os mugilídeos vivem em estuários e se reproduzem no mar. Sua alimentação é composta de pequenos organismos vegetais e animais, e também de detritos orgânicos (Oliveira & Soares, 1996). Na costa de Santa Catarina ocorrem também outras espécies da família, sendo *Mugil curema* a mais comum, conhecida pelo nome popular de parati. *Mugil liza* é uma espécie de ampla dis-

tribuição, ocorrendo desde a Argentina até o Caribe (Menezes et al., 2010). Na região Sul do Brasil a espécie realiza a migração reprodutiva que inicia no outono. Os adultos de *M. liza* abandonam as principais áreas de criação, como a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul, e o Rio da Prata na Argentina, e iniciam sua migração ao longo da costa (CEP-SUL, 2007). O deslocamento em direção ao norte é estimulado pela queda da temperatura e pela maior ocorrência de penetrações de cunhas salinas, provocadas pela entrada de frentes frias (Vieira & Scalabrin, 1991).

A espécie apresenta elevada fecundidade e diferentes áreas de reprodução. Os ovos e as larvas são geralmente transportados pelas correntes para a zona de arrebentação. Quando os peixes jovens adquirem capacidade de natação, seguem em direção sul, ao longo da costa, retornando para os estuários, onde se desenvolvem (Vieira, 1991).

É durante a migração reprodutiva que ocorre a maior parte da pesca. A produção pesqueira é bastante variável de um ano para outro, sendo extremamente dependente das condições ambientais (Vieira & Scalabrin, 1991).

A pesca da tainha

A tainha é uma importante fonte de proteína para as comunidades pes-

queiras artesanais. Por ser um recurso pesqueiro historicamente abundante em Santa Catarina, os pescadores artesanais desenvolveram métodos específicos para a captura da espécie. O mais tradicional é o arrasto de praia, ou arrastão de praia, que apresenta características mantidas até hoje. Nessa modalidade as comunidades se organizam em pontos de pesca, e cada ponto tem um pescador responsável. Olheiros se revezam na espreita e avisam os parceiros de pesca quando veem a aproximação do cardume. Avistados os peixes, as canoas a remo são lançadas ao mar por um grupo de pescadores, enquanto os demais permanecem na praia, segurando uma ponta da rede. A canoa avança para barrar a frente do cardume com a rede e o contorna, levando a outra ponta da rede de volta à praia. Os pescadores, em um esforço conjunto, começam então a puxar os peixes para a praia. Essa técnica demanda um grande número de participantes e esforço físico, já que não é permitido nenhum tipo de mecanização. O ganho é coletivo: cada pescador que ajudou tem direito a um quinhão. Os peixes capturados são divididos e colocados em montinhos, que são os quinhões. O pescador responsável pelo ponto leva um maior número de quinhões, pois normalmente é ele o dono das canoas e das redes. A divisão ►



A tainha *Mugil liza* (Menezes et al., 2010)

¹Oceanógrafa, M.Sc., Epagri / Centro de Desenvolvimento em Aquicultura e Pesca (Cedap), Rod. Admar Gonzaga, 1.188, Itacorubi, 88010-970 Florianópolis, SC, fone: (48) 3665-5276, e-mail: janainabannwart@epagri.sc.gov.br.



Pesca de arrastão de praia na Lagoinha, Florianópolis, SC, junho de 2010



Pesca de arrastão na Praia de Palmas, Governador Celso Ramos, SC

é consensual.

O arrastão de praia não apresenta grande expressão econômica, mas subsidiou a existência das famílias litorâneas por muitas gerações. Observam-se nessa pescaria ainda fortes características da sociedade pesqueira comunitária. Há divisão de tarefas e regras locais de acesso aos recursos. Essas regras incluem os tipos de petrechos permitidos e as modalidades de pesca aceitas localmente. Tem uma grande participação da comunidade em geral e maior participação das mulheres, dos jovens e dos mais velhos. A partilha do peixe é considerada justa por cada um ter sua parte, independentemente de gênero ou idade (Diegues, 2004).

Outras técnicas de pesca artesanal também são usadas na captura da tainha, como a tarrafa e o cerco fixo. Há também as modalidades motorizadas, utilizando redes de emalhe fixo (fundeadas) e de deriva (caça de malha ou caceio), e o cerco de bate-bate. Estas duas últimas são as mais comuns para a tainha e estão presente principalmente em Florianópolis.

Para evitar conflitos, as pescarias motorizadas artesanais devem respeitar uma distância mínima de 1 milha náutica das praias licenciadas para o arrastão de praia e de 300 metros dos costões rochosos (Ibama, 2008).

A pesca industrial também atua na captura da tainha, principalmente com as traineiras, barcos de cerco de grande porte. Só podem pescar a partir de 5 milhas de distância da costa, e o número de embarcações está limitado a 60 licenças anuais (Ibama, 2008).

A tainha é considerada uma espécie sobre-explotada (MMA, 2004). Por isso, foi criada a Instrução Normativa Ibama Nº 171/2008. Ela preconiza tanto a proteção do período mais vulnerável do ciclo de vida da tainha e sua reprodução como a recuperação dos estoques, a manutenção da atividade pesqueira e a redução dos conflitos. Esses conflitos estão muito presentes entre pescadores artesanais e a frota industrial, como também entre as os próprios artesanais do arrastão de praia e as demais pescarias motorizadas. O aumento do esforço da pesca industrial sobre a espécie vinha ocorrendo em função de dois principais fatores: valorização do mercado para a exportação das ovas e declínio de outros recursos, como a sardinha.

Segundo o levantamento estatístico da pesca industrial (Univali, 2013), é possível ver grande oscilação na quantidade de tainha desembarcada em Santa Catarina (Figura 1). A maior produção foi em 2007 (6.396,59t), com queda no ano subsequente, recuperação em 2009 e queda nos anos posteriores até 2012 (1.513,33t), a pior safra observada em 10 anos. Segundo levantamento realizado pela Federação de Pescadores de Santa Catarina (Fepesc), a respeito da tainha proveniente da pesca de arrastão de praia, 2007 teve uma das melhores safras dos últimos anos e 2012, uma das piores. Isso pode ser um indicativo de que o comportamento da produção pesqueira artesanal segue a mesma tendência observada na pesca industrial, ou seja, ambos dependem da abundância da espécie no litoral catarinense. Por sua vez, a abundância da tainha pode estar fortemente relacionada

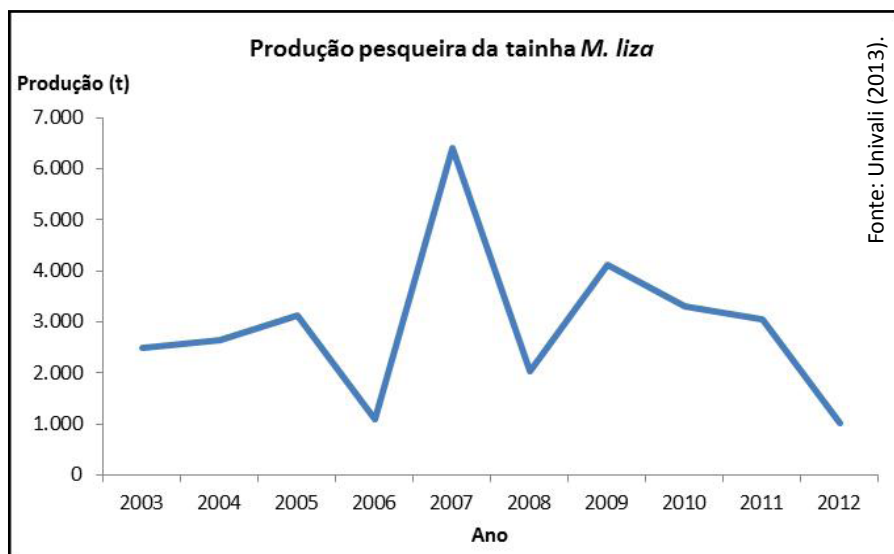


Figura 1. Oscilação da captura da tainha pela frota industrial

à queda da temperatura e a entradas de frentes frias (Vieira & Scalabrin, 1991).

Perspectivas para cultivo

A tainha é um peixe de sabor marcante, muito apreciado na culinária típica litorânea. Sua carne escura é rica em ômega 3. Sua preparação é versátil, escalada assada na brasa, frita em postas e assada inteira no forno. Sua ova também é muito requisitada, tanto que a tainha com ova tem maior valor comercial. A ova é preparada simplesmente frita ou na farofa.

É justamente a ova que vem revolucionando o olhar sobre a espécie. A tainha pode ser considerada um peixe com preço popular. A ova, contudo, vem alcançando alto valor. Conhecida e muito apreciada na Itália como *bottarga* e no Japão como *karasumi*, a ova vem sendo adotada por *chefs* da alta gastronomia em países como França, Espanha e Estados Unidos. A *bottarga* é a ova da tainha que passa por um processo de salga e desidratação, podendo ser defumada também. Um quilo da ova pode ultrapassar 200 dólares.

Para garantir o fornecimento de ovas durante todo o ano, países como China, Tailândia, Coreia e Israel investiram em tecnologias de cultivo em tanques escavados ou tanques-redes em águas costeiras. A espécie utilizada é *Mugil cephalus*. Os espécimes jovens são pro-

duzidos em laboratório ou diretamente coletados na natureza. São cultivadas apenas as fêmeas. Quando elas atingem o tamanho comercial e os ovários estão plenos, é hora do abate. O ciclo de crescimento dura aproximadamente 8 meses (FAO, 2012).

No Brasil, as pesquisas desenvolvidas para o cultivo de mugilídeos foram realizadas principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Os fatores limitantes ao desenvolvimento da piscicultura da tainha foram sua abundância natural e o consequente baixo valor comercial.

Com a valorização da ova, o cultivo da tainha passa novamente a despertar interesse. A espécie apresenta vantagens para a piscicultura. É uma espécie rústica e robusta, os reprodutores são facilmente obtidos, suportam bem as condições de confinamento, têm boa resistência às variações de salinidade e temperatura e aceitam com facilidade a alimentação artificial (Sampaio et al., 2008). Por ser uma espécie que se alimenta de plâncton e também come detritos, a tainha do Atlântico Norte, *Mugil cephalus*, vindo sendo cultivada em sistemas extensivos com alimentação natural, oriunda da produção primária estimulada pela adubação dos viveiros, complementada com farelos e grãos (FAO, 2012) ou com rações com baixo teor de proteínas (Carvalho et al., 2009). A alimentação é fator primordial, já que representa um dos maiores cus- ▶

tos de produção. A produtividade em cultivos semi-intensivos varia entre 4 e 5,6t/ha de peixe a cada ciclo de cultivo (FAO, 2012).

Considerações finais

A pesca da tainha é importante para as comunidades pesqueiras artesanais, não somente como fonte de renda mas também por nela se encontrar as expressões históricas e culturais do modo de vida simples e autêntico dos pescadores do litoral. Tamaña é sua importância social, cultural e econômica que, em 2012, o Governo Estadual promulgou a Lei Nº 15.922, declarando a pesca da tainha como integrante do patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado.

A preocupação de esse recurso estar classificado com sobre-explotado reforça ainda mais a necessidade de o Estado apoiar medidas para sua efetiva preservação e sustentabilidade, pois garantirá, do mesmo modo, a reprodução social da cultura, dos valores e das tradições associados a essa pescaria.

Com o interesse econômico que despertou sua ova, a tainha começa novamente a aparecer como uma espécie potencial para a piscicultura marinha na região Sul do Brasil. Projeções sobre o mercado da carne e da ova, bem como o uma análise de custos para seu cultivo, podem mostrar mais claramente a viabilidade econômica para o cultivo da espécie. Seria necessário também gerar um pacote tecnológico de reprodução e cultivo de *M. liza*. O aprofundamento de pesquisas sobre a tainha para seu cultivo teria como aspecto positivo uma maior produção de conhecimento sobre a espécie, o que poderia até mesmo auxiliar na sua conservação. O cultivo de *M. liza* poderia diminuir a pressão para a exploração de seus estoques naturais. Seria, também, uma forma de gerar mais empregos e renda, promover aporte econômico para as industriais pesqueiras e aproveitar ainda áreas costeiras que foram convertidas em tanques para a produção de camarões

marinhos e atualmente se encontram desativadas, após a incidência do vírus da mancha branca.

Agradecimentos

À extensionista Tânia Mendes Nunes, por ceder a fotografia do arrastão de praia.

Literatura citada

1. CARVALHO, C.V.A.; BIANCHINI, A.; TESSER, M.B. et al. The effect of protein levels on growth, postprandial excretion and tryptic activity of juvenile mullet *Mugil platanus* (Gunther). **Aquaculture Research**, v.1, p.1-8, 2009.
2. CEPSUL. **Relatório de reunião técnica para o ordenamento da pesca da tainha (*Mugil platanus*, *M. liza*) na região sudeste/sul do Brasil**, 1., 2007. Doc eletrônico. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/relatorio_de_ordenamento/tainha/rel_2007_abr_tainha.pdf>. Acesso em: 5 maio 2013.
3. DIEGUES A.C.S. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: Nupaub/USP, 2004. 315p.
4. FAO. **Cultured Aquatic Species Information Programme**. *Mugil cephalus*. Rome. 2006. Disponível em: <http://www.fao.org/fishery/culturedspecies/Mugil_cephalus/en>. Acesso em: 27 abr. 2012.
5. SAMPAIO, J.A. de O. **Desempenho de linguados *Paralichthys orbignyanus* em policultivo com tainhas *Mugil platanus* em viveiros de solo, no período de outono e inverno**. 2008, 33f. Dissertação (Mestrado em Aquicultura) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS.
6. MENEZES, N.A. Guia prático para o

reconhecimento e identificação de tainhas e paratis (Pisces-Mugilidae) do litoral brasileiro. **Rev. Bras. Zool.**, São Paulo, v.2, n.1, p.1-12. 1983.

7. MENEZES, N.A.; OLIVEIRA, C.; NIRCHIO, M. An old taxonomic dilemma: the identity of the western south Atlantic lebranche mullet (Teleostei: Perciformes: Mugilidae) **Zootaxa**, New Zealand, n.2519, p.59-68. 2010.
8. OLIVEIRA, I.R.; SOARES, L.S.H. Alimentação da tainha *Mugil platanus* Günther, 1880 (PISCES: Mugilidae da região estuarinolagunar de Cananéia, São Paulo, Brasil. **Boletim do Instituto de Pesca**, Santos, v.23 (único), p.95-104, 1996.
9. REIS, E.G.; D'INCAO, F. The present status of artisanal fisheries of extreme Southern Brazil: an effort towards community-based management. **Ocean & Coastal Management**, v.43, p.585-595, 2000.
10. IBAMA. **Instrução Normativa Nº 171**, de 9 de maio de 2008.
11. MMA. **Instrução Normativa Nº 05**, de 21 de maio de 2004.
12. UNIVALI. 2013. Grupo de estudos pesqueiros (GEP). Consulta online da estatística pesqueira industrial de Santa Catarina. Disponível em: <<http://siaiacad04.univali.br/consulta/>>. Acesso em: 27 abr. 2013.
13. VIEIRA, J.P.; SCALABRIN, C. Migração reprodutiva da "tainha" (*Mugil platanus* Günther, 1880) no sul do Brasil. **Atlântica**, Rio Grande, v.13, n.1, p.131-141. 1991.
14. VIEIRA, J.P. Juvenile mullets (Pisces: Mugilidae) in the estuary of Lagoa dos Patos, RS, Brazil. **Copeia**, v.2, p.409-418, 1991. ■